

## Tendências/Debates

Os artigos publicados com assinaturas dos autores não traduzem necessariamente a opinião do jornal. A publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

## Alor dos acassos ucionários

ERTO FREYRE

de considerar-se o  
mento do Brasil  
tes por estas o  
oluções específicas  
entre nós — do que  
cesso de mudança  
de dias remotos —  
tência pré-nacional  
— permite-nos  
s movimentos res  
s fracassos imo  
ociológica — gran  
guns deles têm real

cia do historiador  
l é esquecer os  
os triunfos que as  
existência de um  
erdade sociológica  
de que nem só de  
uma nação ou uma  
umana: vive tam  
acassos por ela so  
perimentados.

o pode apurar, numa  
ou virtudes que,  
enas de triunfos  
não seriam aper  
desenvolvidos. Um  
evolucionário pode  
que um triunfo tam  
ucionário. Pode-se  
amado tenentismo,  
ssão de ânimo re  
no nosso País, que  
ou tão valiosamente,  
vista brasileiro, no  
triumfante de 30 —  
m grande parte, do  
denominados “te  
ogo envolvidos e  
por astutos opor  
como nos fracassos  
24. A marcha da  
tes, resultando em  
volucionário, consi  
a demonstração da  
brasileira para  
itarmente, de Sul a  
veis obstáculos ser  
possíveis novos Ca  
midade e ao desen  
nacionais. Juntou  
o saber dos seus lí  
rido nas escolas e  
líderes como João  
rdeiro de Farias —  
ia alcançada por  
seus comandados,  
e áspero esforço,  
ssado. Fracassado  
antagem do Brasil  
lesvantagem.

asso revolucionário  
e valeu tanto quan  
o, pelo que nele foi  
le positivo proveito  
envolvimento na  
asil, foi o represen  
onfidência Mineira.  
o, o malogro da  
Pernambucana de  
m os dois mais do  
Pois triunfante só  
erais a Inconfidên  
o aquele movimen  
te, sem movimentos  
contra o domínio  
outras regiões  
e provável que tais  
assem resultado em  
o da América Por  
elhante à que se  
n virtude de mo  
volucionários de al  
s regional e até de  
tista, na América

se poderá dizer de  
movimentos re  
ocorridos no nosso  
epois de alcançada  
a independência  
nservando-se sa  
forma monárquica  
o movimento, tam  
bucano, de 1824, e o  
jense que passou à  
to quanto ao fol  
a sugestiva deno  
Farrapos”.

acassos revolucio  
um e outro válidos  
envolvimento, no  
ie reuniram de vir  
s e de aptidões  
a aplicações em  
s mais justas. Cons  
em expressões  
um ensaísta norte  
qualificou já de  
” ou de “passado  
m passado que —  
ão ensaísta ilustre  
apenas de que, na  
histórica de um  
sido triunfo, mas  
ie nela tenha se ex  
no derrota. Ou

acassos revolucio  
m constituindo em  
e passados parcial  
um nacionalmente  
i modo de ser efe  
assado nacional, o  
riquecido por ex  
volucionárias que,  
para o desenvol  
leiro visto sob lar  
va, no tempo e no  
ltaram em derro  
essas experiências  
a uma nação roti  
aventuras cívicas  
assem para que a  
nal assimilasse de  
scontentes, insur  
várias espécies,  
l, tão úteis, alguns  
do desenvolvimento  
s cultural — cul  
sentido sociológico  
— como os triun  
se tornaram orn  
nacionais. Os que,  
hoje sob aquela  
activa de espaço e  
veriam ter sido —  
— os predominan  
esse dever ser im  
údio a todas as dis  
insurgências opo  
sdominâncias.

é sociólogo, ex-deputado  
ado constituinte (1946),  
leiro à Assembleia Geral  
clássico “Casa Grande e



Euclides da Cunha (1866/1909), em desenho de Portinari.

## Precisa-se de um Historiador

GERARDO MELLO MOURÃO

E conhecida a resposta de  
Gide, quando lhe perguntaram  
qual era o maior poeta da líng  
ua francesa: “Hugo, Hugo,  
hélas!” Se alguém indagasse  
qual seria a grande obra de  
História do Brasil, um mo  
numento nas dimensões de  
Ranke, Mommsen, Gibbons,  
Eduard Meyer, Rostosseff ou  
Macaulay, ou, para não ir  
muito longe, de Francisco En  
cina no Chile, ou de Mitre na  
Argentina, nossa perplexidade  
seria talvez maior que a de  
Gide. Em que pese à existên  
cia de alguns autores e de al  
guns trabalhos realmente im  
portantes, o País não viu ainda  
erguer-se o verdadeiro mo  
numento reclamado por sua  
biografia nacional. As  
melhores vocações que tive  
mos, para estudos históricos,  
um Capistrano, ou um Rodolfo  
Garcia, trataram apenas de  
fragmentos do grande mural.  
Com grande competência, é  
certo, que torna esses frag  
mentos indispensáveis a quem  
venha a montar o “opus mag  
num”. Até mesmo os que ten  
taram um texto inteiro do  
itinerário do país no tempo  
samente em trabalhos seto  
riais do painel maior che  
garam, realmente, a uma obra  
definitiva, como é o caso de al  
guns textos de Caio Prado  
Júnior, Américo Jacobina  
Lacombé, Sérgio Buarque de  
Holanda, ou dessa admirável  
biografia do imperador colocou  
o sr. Pedro Calmon colocou  
todos os seus talentos e todo o  
seu amor pela História. Ou ain  
da e sobretudo, de Ernâni Sil  
va Bruno.

É certo que não faltam tex  
tos conspícuos, de ontem e de  
hoje, à historiografia bra  
sileira, e seria longo enumerá  
los aqui. Também não faltam  
mestres capazes, hoje como  
ontem. Ai está, por exemplo,  
ainda agora, o professor Hélio  
Silva, cujo infatigável trabalho  
constitui um dos mais limpos e  
exemplares levantamentos de  
nosso inventário de povo. Ai  
está o esforço do senhor Ho  
nório Rodrigues, que parece  
dar “full-time” a seu ofício,  
com irrepreensível dedicação,  
mas cujo trabalho, infelizmen  
te, é prejudicado por uma  
lacuna irremediável: a ausên  
cia de uma estrutura cultural  
abrangente. É uma pena que  
falte a mestre José Honório a  
formação humanística, sem a  
qual não se pode capacitar  
para o pensamento filosófico.  
E sem isto, não se pode ser  
propriamente um historia  
dor. Até porque o historiador,  
como queria Wilhelm Dilthey,  
e como aquele Eupalinos de  
Valéry, precisa saber não  
apenas as coisas de seu ofício,  
mas as coisas de todos os  
outros ramos daquele tipo de  
saber a que Fichte chamava  
de “Wissenschaft”. Sem isto, o  
profissional de estudos his  
tóricos ou se contentará com o  
trabalho anelar, humilde e  
generoso da pesquisa, ou se  
mirrará na pífia e nem sempre  
intimorata atividade dos fa  
zedores de “papers”, desses  
“Phdistas” recentemente  
denunciados nesta mesma  
coluna por mestre Gilberto  
Freyre. Aliás, a obra do sábio  
homem de Pernambuco en  
cerra, neste sentido, uma  
clara lição: sua “Casa Grande  
e Senzala”, sem ter um texto  
de História propriamente dita,  
transbordando, por isto mes  
mo, da metodologia histórica  
ortodoxa, é o maior livro de  
História jamais escrito sobre  
uma região brasileira. Este  
lugar lhe é assegurado, muito  
menos pela riqueza documen  
tal, ao alcance, de resto, de  
qualquer pesquisador inteli  
gente, do que pela escala e o  
leque cultural do saber de Gil  
berto Freyre e pelo toque de  
lirismo com que ele trata das  
pessoas, das coisas e dos lu  
gares que formaram o tempo e  
o espaço de seu espírito e de  
sua circunstância.

Essa observação, de resto,  
me foi feita por Oto Maria Car  
peaux e, numa singular coi  
cidência, por um dos maiores  
mestres de História do con  
tinento, o professor Mário  
Gandolfo, do Chile, no debate  
de que resultou a aprovação de  
meu modesto nome para a  
cadeira de História Americana  
da mais exigente escola su  
perior daquele país. Tanto  
Mário como Carpeaux apon  
tavam, como sinal de gran  
deza e de permanência da obra

de Gilberto, o sopro de lirismo  
que a percorre, para dizer que  
por isso ela estará sempre  
viva, enquanto um texto de  
Varnhagen, por exemplo, es  
tará para sempre morto, como  
uma ficha de arquivo, com a  
serventia apenas de uma ficha  
de arquivo. Nem era outro o  
entendimento de Malraux,  
quando sustentava que se  
conhece mil vezes melhor a  
história da campanha na  
poleônica na Rússia, lendo  
“Guerra e Paz”, de Tolstoi, do  
que lendo todos os historia  
dores que escreveram sobre  
aqueles dias.

Nem pode a História evadir  
se de sua vigência lírica, até  
porque também ela tem, como  
todo ramo do saber humano,  
segundo a advertência de Niet  
zsche, sua própria genealogia:  
descende do mito, no qual,  
como queria o próprio Marx,  
nasce a fonte do rio da história.  
Quanto a mim, não sou um hi  
storizador de ofício — ai de mim!  
— habitante religioso do mito,  
de pés fincados em seu chão  
elementar. Ai está o pai Ho  
mero, o intérprete por excelên  
cia da História preloana, que diz  
nos sete primeiros versos  
imortais da “Iliada”: — Minha  
história será verdadeira, por  
que foi vivida. Como Tucídi  
des, dizendo em cinco linhas  
que sua história é verdadeira,  
porque a havia previsto. Isto é:  
o que é mito resplandece à luz  
da história, e o que é História  
se funda no chão do mito.  
Hegel sabia disto, quando  
criou as três categorias de His  
tória: — a original, a reflexiva  
e a filosófica. No fundo, a “his  
tória revelata” e a “história  
revelans”, lembradas por  
Jean Guilton: — “História  
prophética a spirito divino  
educta. Historia dialectica ab  
intellectu humano deducta”.

Por ser a História a ciência  
destinada a contar o homem a  
si mesmo, como queria Hegel,  
ela exige todos os conhecimen  
tos ao alcance do saber hu  
mano: da teologia à ar  
queologia e à antropologia, da  
psicologia à sociologia, da  
filosofia à lógica. Essencial  
mente, a História toca a pele e  
as entranhas de tudo que diz  
respeito ao homem, de todos os  
acontecimentos no curso dos  
quais se manifestou a inter  
venção do homem, e se mar  
cou sua presença. É uma  
“cosa nostra”, como queria  
Croce, uma coisa do homem.  
Nem é por outra razão que  
Heidegger coloca na própria  
escatologia da “Geschich  
tlichkeit”, a mais dos outros  
saberes, duas presenças fun  
damentais: a filosofia e a an  
tropologia.

É como fazer História sem  
teologia? Comparemos a mor  
te de Sócrates, a morte de Cris  
to e, para não ir muito longe, a  
de Antônio Conselheiro. O hi  
storizador, que conhece a impor  
tância desses três aconteci  
mentos, vai medi-los cada um  
em seu próprio lugar. A morte  
de Sócrates, como a de Cristo  
continuam os tempos de cada  
homem. A morte do profeta  
bárbaro de Canudos fixa um  
elo permanente dos tempos e  
do sentimento do homem. E ai  
voltamos ao caso de Gilberto  
Freyre e de Tolstoi: nenhum  
historizador escreveu uma His  
tória tão eficaz daquele trecho  
do mundo brasileiro, como a  
reportagem estupenda de  
Euclides em “Os Sertões”.

Dizia-me um amigo que a  
vocação cultural brasileira ain  
da não pisou todas as zonas do  
conhecimento humano. Talvez  
por isso não haja ainda pro  
dizado o monumento definitivo  
de sua História nacional, para  
a qual não bastam esforços  
sobre-humanos, como o do  
mestre José Honório, quando  
lhe falta o capital de giro  
maior que até outros bra  
sileiros poderiam ter investido  
na tarefa, como o próprio  
Pedro Calmon, como Tristão  
de Athayde, como Afonso  
Arinos, como Antônio Houaiss,  
como Gilberto Freyre, como  
Hélio Silva, além, naturalmen  
te, de Capistrano e Garcia, se  
não tivessem sido confiscados  
para a generosidade e a urgên  
cia de outros trabalhos. Talvez  
um dia cheguemos lá. Pois  
uma coisa é certa: precisa-se  
de um historiador. E ainda não  
o temos.

Gerardo Mello Mourão é jornalista, es  
critor, poeta, ex-parlamentar e profes  
sor visitante da Faculdade de Arqui  
tectura da Universidade Católica do  
Chile.

CMP J.2.2.128